

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

ANA BEATRIZ GARCIA SANTOS

**O LIVRO REPORTAGEM ENQUANTO FATO E
HISTÓRIA - UMA ANÁLISE DA OBRA DIAS DE
INFERNO NA SÍRIA**

BAURU
2016

ANA BEATRIZ GARCIA SANTOS

**O LIVRO REPORTAGEM ENQUANTO FATO E
HISTÓRIA - UMA ANÁLISE DA OBRA DIAS DE
INFERNO NA SÍRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU
2016

Santos, Ana Beatriz Garcia

S2373L

O livrorreportagem enquanto fato e história - uma análise da obra Dias de Inferno na Síria / Ana Beatriz Garcia Santos. -- 2016.

50f. : il.

Orientadora: Profa. M.^a Daniela P. Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Jornalismo literário. 2. Livrorreportagem. 3. História. 4. Literatura. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

Para Maria José, mulher doce e guerreira
a quem chamo de mãe.

AGRADECIMENTOS

“Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho”, já dizia o consagrado trecho de Tom Jobim em *Wave*. Acrescento ao pensamento, o fato de ser impossível chegar a qualquer lugar sem amor e sem o outro. Caso fosse possível agradecer a todas as pessoas que me trouxeram até aqui, sem dúvidas, faltariam páginas para o trabalho em si. Sendo assim, limito-me aos – não tão poucos – nomes a seguir.

Ao Autor de tudo. Obrigada meu Pai pelo dom da vida, por todas as pessoas que cruzaram a minha estrada deixando suas marcas e por todos os percalços que, repletos de aprendizados, acrescentaram tanto à minha caminhada.

Palavras me faltam para agradecer a minha mãezinha por todo esforço e luta diária para me criar e educar de forma tão primorosa. Meu maior exemplo de amor, de mãe e de perseverança. Gratidão até os últimos dias de minha vida.

Aos meus tios e tias que tanto acreditam e rezam por mim, meu muito obrigada.

Aos meus mestres, desde os do início de minha formação até os de minha graduação que, com tamanha generosidade, compartilharam comigo seus conhecimentos. Em nome de todos, cito Daniela Pereira Bochembuzo. Enérgica, justa, ética, inteligente, doce e entusiasta do jornalismo. Um exemplo profissional admirável por quem tive a honra de ser orientada. Meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos e apoio ao longo dos anos em que convivemos.

Aos amigos que esta cidade calorosa me deu: Evelin, Juliana, Milene e Samantha. Obrigada por participarem deste momento tão construtivo e inesquecível de minha vida. Gratidão por nossa parceria em todos os cansativos e gratificantes trabalhos. Tudo ficou melhor depois que vocês chegaram. Estendo meus agradecimentos à Letícia e ao Rodrigo, juntos dividimos risos e lágrimas, ganhamos e perdemos, formamos nossa família, nosso inesquecível “katrina”.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amores antigos: Mariana Bexiga, Raísa Oliveira, Caroline Foster, Pollyanna Vendrameto e Cassiana Coppola pela amizade e suporte durante esses anos distante.

Por fim, agradeço aos amigos, agora colegas de profissão que, com seus relatos diários, me ensinaram tanto e fizeram com que eu conhecesse ainda mais sobre o jornalismo.

Como aprendi com Klester Cavalcanti, a todos, *Shukran*.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise pela ótica histórica, jornalística e literária do livrorreportagem *Dias de Inferno na Síria – o relato do jornalista que foi preso e torturado em plena guerra*. O livro, premiado em 2013 com o Prêmio Jabuti de Literatura, relata a passagem de Klester Cavalcanti, escritor e jornalista, que viaja a Homs, cidade mais castigada pela guerra civil na Síria, no ano de 2012. O objetivo da análise é verificar se o livrorreportagem, através do jornalismo literário, transforma uma informação factual em história. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica que aponta pontos de intersecção entre os grandes temas que, junto ao jornalismo, englobam o trabalho: história e literatura. Por fim, foi realizada a análise de conteúdo dos trechos da obra. Entende-se que o estudo em torno das relações entre o jornalismo e outras áreas é agregador, principalmente em relação à simbiose com a literatura, no jornalismo literário, área de pouca visibilidade e produção no Brasil.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Livrorreportagem. História. Literatura.

ABSTRACT

This paper presents an analysis from the historical, journalistic and literary viewpoints of the non-fiction book *Days of Hell in Syria – the story of an imprisoned and tortured journalist during the war* (*Dias de Inferno na Síria – o relato do jornalista que foi preso e torturado em plena Guerra*, in Portuguese). The book, which awarded the Jabuti Prize for Literature in 2013, reports the journey of Klester Cavalcanti, a writer and a journalist who travels to Homs, the most punished city by the civil war in Syria, in 2012. This analysis aims to verify whether the non-fiction book, through literary journalism, transforms factual information into history. For such analysis, a literature review was performed, indicating intersection points between the major themes that, together with journalism, comprehend the book: history and literature. Finally, a content analysis of excerpts from the work was performed. The study about the relationship between journalism and other areas is understood to be aggregator, especially in relation to symbiosis with literature, in literary journalism, an area of poor visibility and production in Brazil.

Keywords: Literary Journalism. Non-fiction Book. History. Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Erro! Indicador não definido.38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 HISTÓRIA E JORNALISMO.....	15
3 LITERATURA E JORNALISMO.....	22
4 O LIVRO REPORTAGEM.....	30
5 ANÁLISE DA OBRA.....	35
5.1 OBJETO DE PESQUISA.....	37
5.2 DIAS DE INFERNO NA SÍRIA.....	38
5.3 A ANÁLISE.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Com a afinidade de serem compostos por palavras organizadas de modo coeso e conciso, Jornalismo e Literatura apresentam similaridades e divergências. Isto se deve ao fato de ser na literatura que o jornalismo fincou suas raízes originárias. “Ao longo da história, os dois campos do conhecimento divergem e convergem, tanto no que concerne às funções quanto ao discurso de cada um.” (NICOLATO, 2006, p.1).

De acordo com Bulhões (2007, p.11), o jornalismo, como atividade que apura os fatos e difunde informações, busca trazer em seu discurso a vida como algo palpável, comprovável e digno de credibilidade, categorizando, assim, o jornalista como uma espécie de historiador da vida contemporânea, aquele que dá testemunho do “real”.

Reconhece-se que a função e a natureza do jornalismo estão na apuração dos acontecimentos, no esforço pela ‘isenção’ e pela ‘imparcialidade’ (...). Para a atividade jornalística prevalece a noção de que a linguagem é meio, é *medium*, não fim. (BULHÕES, 2007, p.11).

Para Lima (1990, p. 37), o termo literatura – que tem por definição simplificada “arte da palavra” – pode se subdividir em três sentidos. No sentido *lato*, que “é toda expressão verbal falada ou escrita” (idem), considerando assim como literatura a poesia, história, matemática e ciências sociais; no sentido *corrente*, que, para o autor, trata-se de “toda expressão verbal com ênfase nos meios de expressão” (ibidem), e tem por principal característica a palavra como valor de fim, ou seja, tornando-se o estilo e não o verbo, como um meio; e finalmente, o terceiro sentido, que é visto como estritamente estético em que “dá à arte da palavra uma finalidade não só em si, mas ainda no plano da pura beleza” (LIMA, 1990, p. 36).

Tendo em vista a palavra como um meio de comunicação verbal, Lima (1990) define a convergência entre jornalismo e literatura da seguinte maneira:

Sempre que o empregar como puro meio de alcançar um fim alheio, não será literatura. Como a conversa, sempre que seja apenas um meio de transmitir um recado, uma comunicação, uma mensagem, nas quais a palavra não tem nenhum valor em si, não terá nenhum valor literário. Como um simples barracão ainda não é arquitetura

(...). Jornalismo só é literatura, enquanto empregara expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. (LIMA, 1990, p.37-38).

Marcondes Filho (2000) considera que a aproximação entre as duas áreas está localizada no período que ele denomina como o Primeiro Jornalismo, caracterizado pelo jornalismo do tipo político literário, registrado de 1789 à metade do século XIX. Este é o jornalismo como sendo o da “iluminação”, no sentido de exposição do obscurantismo e esclarecimento político e ideológico. Essa caracterização contraria a defesa de Lima (1995) de que foi nos primeiros anos do século XX que os jornais passaram a dar espaço para escritores produzirem seus folhetins, suplementos literários e, assim, transformarem os veículos jornalísticos em indústria periodizadora da literatura da época.

A despeito dessa divergência temporal, o fato é que houve – e há – muitos jornalistas literatos. Exemplo desta convergência é Machado de Assis, um dos primeiros escritores jornalistas brasileiros, que “começa a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto em paralelo vai edificando uma carreira de escritor com seus primeiros versos e novelas” (SODRÉ apud LIMA, 1995, p. 135). Trabalhou, entre outros, no jornal carioca Gazeta de Notícias, onde publicou diversas crônicas com temas relacionados à sociedade brasileira da época.

Não somente ele, mas escritores como Manuel Antônio de Almeida, no Correio Mercantil do Rio de Janeiro; José de Alencar, do Diário do Rio de Janeiro, e Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, na Revista Popular, são lembrados como escritores brasileiros que atuaram como jornalistas a partir da década de 1850 até o final do século XIX.

Segundo Lima (1995, p.135), eles “encontraram no jornalismo dessa época pioneira, tanto um eventual meio de subsistência quanto um canal para o aprimoramento e a promoção do talento literário”.

Esse movimento de afluência entre jornalismo e literatura colaborou no surgimento de novos modelos narrativos, como é o caso do jornalismo literário, que, segundo Lima (2010, p.16) tem por compromisso com o leitor dar-lhe não só uma informação sobre alguma coisa, mas fazer com que passe pela experiência sensorial e simbólica, de entrar em contato com o mundo que a matéria relata por meio das palavras narradas no texto.

“Em lugar de contar indiretamente o que aconteceu, mostra. [...] Procura colocar o leitor dentro do acontecimento. Busca fazer com que o leitor viva um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou.” (LIMA, 2010 p.16).

Para que isso seja possível, Pena (2006 p. 4) conceitua o jornalismo literário como uma “estrela de sete pontas, pois são sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico.” São eles: Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide¹, evitar os definidores primários² e, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Proveniente da prática do jornalismo literário, o livrorreportagem é um exemplo de narrativa em que ocorre a interação jornalístico-literária. Segundo Lima (1995 p.57), a principal virtude desse formato é a sua capacidade de preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística em sua abordagem factual. De acordo com o autor, isso ocorre porque há um preciosismo maior na abordagem da realidade em termos de pauta e, igualmente, pela diversidade causada através da falta de preconceitos em relação à escolha dessa pauta, o que gera flexibilidade às outras etapas de produção. Assim, sem deixar de lado os preceitos fundamentais do jornalismo, o livrorreportagem amplia a função informativa desta atividade.

Ser expressivamente jornalístico significa, dentre outras coisas, que sua reportagem narrativa tem a obrigação de informar sempre do modo mais transparente. Por outro lado, ser literário significa, a grosso modo, narrar com efeito, com beleza e imaginação. Sem perder de vista os fatos. (LIMA, 1995, p. 58).

O livrorreportagem surge em um contexto nacional de realismo social, em que os escritores passam a discutir os problemas do país e a tentar acelerar a revolução, garantia de uma vida melhor. Foram a censura de 1968 aliada a certo desinteresse por um tratamento em profundidade de certos temas na grande imprensa que abriram espaço para o livrorreportagem.

¹ Fórmula objetiva que aponta a necessidade de o texto jornalístico responder às principais perguntas da reportagem ainda no primeiro parágrafo: Quem, o que, onde, como, quando e por quê.

² Entrevistados que costumam falar para os jornais, como autoridades e especialistas.

De acordo com Lima (1995, p.15), no Brasil, o livrorreportagem tem um papel específico de ampliar informações sobre os fatos, situações e ideias de interesse social, contemplando uma variedade temática significativa.

Um exemplo de livrorreportagem é o objeto da presente pesquisa, a obra *Dias de Inferno na Síria – O relato do jornalista Brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra*, escrito por Klester Cavalcanti, em 2012. No ano seguinte, foi premiado como segundo melhor livrorreportagem pelo Prêmio Jabuti de Literatura, o mais tradicional prêmio literário do Brasil³.

Este livro se enquadra, segundo Lima (1995 p. 34), em uma categoria quanto ao seu vínculo com a atualidade em que “aproveita um fato de repercussão atual, para explorá-lo com maior alcance, enquanto o impacto reverbera pela sociedade, como em ondas criadas pela pedrinha lançada na superfície de um lago”.

O livrorreportagem de Klester relata a viagem do autor que saiu de São Paulo rumo à guerra civil na Síria, iniciada em 2011, com a missão de registrar a realidade do conflito entre as forças do ditador Bashar al-Assad e os rebeldes, integrantes do Exército Livre da Síria. O jornalista entraria na Síria pela fronteira com o Líbano a fim de acompanhar e registrar por alguns dias a ação dos rebeldes, mas Klester foi preso pelas tropas oficiais, torturado e encarcerado por seis dias numa cela que dividia com mais de 20 detentos.

Habitado a denunciar violações dos Direitos Humanos no Brasil, o jornalista conseguiu entrevistar e fazer anotações no ambiente inóspito da prisão. Disto resultou o livrorreportagem que tem como objeto o conflito da Síria de uma perspectiva inédita, pois o repórter foi o único jornalista brasileiro no país, durante este período, com visto de imprensa a entrar em Homs, a terceira maior cidade da Síria e mais afetada pela guerra. (BLOCH, 2014).

Considerando os conceitos e o contexto expostos, bem como o livro de Klester, questiona-se: é possível o livrorreportagem, através do jornalismo literário, transformar uma informação factual em história?

Uma das hipóteses plausíveis é a de que, através do livrorreportagem, Klester Cavalcanti conseguiu fincar na história um retrato da guerra na Síria que poderia ter sido efêmero se retratado em páginas de jornais.

³ De acordo com o site oficial do Prêmio Jabuti.

Outra hipótese é de que o autor de *Dias de inferno na Síria* transformou o relato verídico em obra ficcional, por ter acrescentado muitos recursos literários para rebuscar a realidade, perdendo, assim, o caráter histórico.

Por meio da busca por essas respostas, o objetivo deste estudo é apresentar as relações entre jornalismo e história, bem como suas convergências e divergências; mostrar os encontros entre jornalismo e literatura, da qual brotou o jornalismo literário; apresentar a prática do livrorreportagem; e, por fim, realizar análise da obra sob os critérios do jornalismo literário e história, a fim de indicar a relação entre jornalismo, literatura e história na obra.

Por conta da ausência de classificação enquanto técnica, gênero, estilo ou corrente é importante que o tema jornalismo literário seja estudado. Além disso, essa pesquisa se justifica pela relevância do trabalho do jornalista literário. “Para que o texto dê conta de contar histórias reais com a riqueza de sentidos típicas de como os fatos aconteceram, o jornalismo literário precisa esmerar-se” (LIMA, 2010 p.19). Justifica-se, ainda, pelo pequeno enfoque acerca do jornalismo literário no país, bem como pelas reduzidas pesquisas relacionadas ao tema. Na grade curricular do curso de jornalismo da Universidade do Sagrado Coração, em que a autora deste trabalho está matriculada como discente, há apenas um tópico sobre o assunto em duas disciplinas. Tal contexto indica que:

O livrorreportagem, figura paralela do universo jornalístico, não tem no Brasil a mesma dimensão que lhe é atribuída em vários países. Aqui, há certo desconhecimento dessa dimensão ampla, e tanto na área acadêmica quanto no circuito das redações persiste uma vaga noção de que o livro é um elemento secundário do jornalismo, um mero desdobramento das reportagens dos veículos tradicionais. (LIMA, 1995, p. 11).

Por conta disso, o presente estudo visa contemplar não somente o jornalismo literário, mas da mesma maneira em sua prática enquanto livrorreportagem. Para tanto, neste trabalho é realizada a pesquisa exploratória que, segundo Gerhardt e Silveira (2009 p.35), tem por objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, por se tratar de uma pesquisa que busca explorar conceitos de uma biografia não tão vasta. É similarmente descritiva, que “exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e

fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para a metodologia deste estudo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que, segundo Duarte e Barros (2010), envolve procedimentos para identificar informações, seleção dos documentos pertinentes ao tema estudado e anotações ou fichamento das referências e dos dados dos documentos; e, por fim, a análise de conteúdo da obra selecionada. “Amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas, a análise de conteúdo revela-se como um dos métodos de grande utilidade na pesquisa jornalística”. (LAGO; BENETTI, 2010).

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a análise de conteúdo visa fazer uma reflexão acerca das condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos.

No desenvolvimento deste trabalho encontram-se os seguintes capítulos: Jornalismo e História, que traz o histórico de convergência em relação aos dois temas. Em um segundo momento, será discorrido sobre o encontro entre jornalismo e literatura, do qual provém o jornalismo literário, que será abordado com suas características e definições. O capítulo sobre livrorreportagem apresenta esse modelo jornalístico-literário. No capítulo seguinte é descrito o livrorreportagem *Dias de Inferno na Síria – O relato do jornalista Brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra*, objeto da pesquisa, mesmo capítulo em que se encontra a análise da obra sob os critérios da história e do jornalismo literário anteriormente apresentados, finalizando com as considerações sobre a pesquisa.

2 HISTÓRIA E JORNALISMO

Todos os fatos ocorridos ao longo do tempo estão interligados por meio de um fio condutor que reúne a realidade em sua totalidade. Segundo Borges (1980, p. 55-56), somente é possível que se conheça um fato do passado através do que dele ficou registrado e documentado para a posteridade, por isso a constatação de que muitos atribuem o termo “tempos históricos” como sendo os tempos antigos em que se teve a iniciação da escrita. Porém, mesmo com a pouca documentação de determinados períodos, pode-se afirmar que o homem tem história desde quando nasce.

“Se o passado for visualizado como algo que pode ser recuperado, as fontes, documentos e emblemas do passado que chegaram até o presente, sob a forma de rastros, serão privilegiados na interpretação.” (BARBOSA in RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.17).

Para Borges (1980, p. 8), há um interesse muito limitado no passado que, por vezes, é nulo. Mas a história não busca a explicação desse passado morto e distante, e sim visa entender a contribuição que a compreensão de tais fatos passados traz para o momento presente. Segundo a autora, bem como outras formas de conhecimento da realidade, a história está em constante construção e o conhecimento produzido por ela não é perfeito nem acabado.

Ribeiro (2003) ressalta que o conhecimento histórico não pode superar a dimensão subjetiva e por isso possui conclusões, sempre provisórias. Para ela, o próprio historiador, o homem, é um ser histórico e, por isso, não consegue se livrar de subordinações socioculturais, superar essa dimensão subjetiva, portanto, não remove as mediações entre os fatos reais e como estes são repassados pelos discursos dos agentes sociais.

Para Carr (1982 p. 66), trabalhar com a história é trabalhar no campo das incertezas, é estabelecer um feixe de probabilidades. O historiador não apresenta tudo sobre uma determinada realidade, mas explica o que nela se destaca, o que nela é fundamental. Segundo o autor, na história, as conclusões são provisórias, porque há a possibilidade de serem aprofundadas e revisadas posteriormente por outros estudos.

A função da história, desde seu início, foi a de fornecer à sociedade uma explicação de suas origens (ou seja, uma explicação genética). A história se coloca hoje em dia cada vez mais próxima às outras áreas do conhecimento que estudam o homem, procurando explicar a dimensão que o homem teve e tem em sociedade. (BORGES, 1980, p. 46).

Para isso, de modo a analisar a partir do senso comum, tem-se que a função da história é basicamente estudar os fatos passados. Porém, de acordo com Ribeiro (2003), essa separação do que é atual e o que é passado não é algo tão simples. Segundo a autora, o presente é facilmente identificado pela consciência comum, sendo tratado como a atualidade, já o passado é percebido através de uma situação de mudança de um tempo para o outro.

Para Ribeiro (2003), mais do que uma ciência que estuda fatos do passado, a história deve ser definida como a ciência que estuda as transformações da realidade social. As noções de temporalidade serão determinadas a partir da forma como se nota essa transformação, ou a ela se atribuem significados. Dá a afirmação que “O tempo histórico através do qual se analisam os acontecimentos não corresponde ao tempo cronológico que vivemos e que é definido pelos relógios e calendários.” (BORGES, 1980, p. 47).

Nesse aspecto de temporalidade, como a construção de tempos sociais, Marcondes Filho (2000) pontua que o jornalismo não age apenas no plano imediato. “A soma de todos os imediatos diários constrói um contínuo sedimentado na extensão do tempo. Se a essência da técnica é algo de natureza não técnica, a essência do instantâneo é algo, necessariamente, de natureza não-passageira” (MARCONDES FILHO, 2000: 67).

Em contraposição a essa abordagem, Ribeiro (1998) diz que “os discursos jornalísticos se pautam por uma temporalidade cronológica (ainda ancorada em um presente eternamente reatualizado).”

Complementando a questão em relação à visão do jornalismo na dimensão temporal, John Huxford (2004 apud CASADEI, 2014, p. 2) afirma que a comum visão das produções midiáticas como crônicas de eventos que aconteceram nas últimas 24 horas talvez ignore o aspecto mais significativo de seu processamento. Na maioria das notícias, a importância consiste na forma como o jornalismo irá se posicionar no meandro entre o passado e o futuro, de onde partem e são traçadas as implicações das ocorrências.

Igualmente no jornalismo, segundo Genro Filho (2012, p. 196), os fatos apresentados não são a realidade em sua totalidade, mas um “recorte no fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo”.

A história trata de recortes quando, de acordo com Borges (1980 p. 55), é função de o historiador examinar uma determinada realidade em um tempo determinado e em um lugar preciso. “Sua primeira tarefa é situar no tempo e no espaço o que ele quer estudar. (...) Cada realidade histórica é única, não se repetindo nunca de forma igual.” (BORGES, 1980, p. 55).

Carr (1892, p.13) explica esse diferencial ao afirmar que “a história consiste num corpo de fatos verificados. Os fatos estão disponíveis para os historiadores em documentos, nas inscrições e assim por diante, como os peixes na tábua do peixeiro”.

Os fatos estão disponíveis para os historiadores da mesma maneira como estão para os jornalistas, mas para Palácios (2010) a relação dos fatos com a memória histórica difere quando abordada pelos dois profissionais.

Transmutado, no dia seguinte, em papel de embrulhar peixe, o jornal transforma-se também, para o olhar do historiador, em lugar de memória, vai ocupar seu espaço passivo ao lado de tantos outros documentos, nas bibliotecas e hemerotecas, à espera de quem dali – seletivamente – recolha e organize marcas e indícios para – valendo-se dos valores e parâmetros acadêmicos e metodológicos vigentes – (re)(a)presentar o passado como história. Incorporada no relato histórico, a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade: verdade histórica, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação. (PALÁCIOS, 2010, p. 41).

Perspectiva semelhante tem Carr (1982), para quem, de certa forma, a história é um sistema de seleção de orientações cognitivas para a realidade, fazendo do historiador, necessariamente, um selecionador de fatos. Isto porque a variedade de testemunhos do passado é grande. “Tudo quanto se diz ou se escreve, tudo quanto se produz e se fabrica pode ser um documento histórico.” (BORGES, 1980, p.58).

Essa tradução seletiva é similarmente observada no jornalismo. Para Genro Filho (2012, p. 194), há uma forma própria para perceber e produzir “fatos”. Sabe-se que existe um fluxo contínuo na realidade e é a partir deles que os fatos são recortados e construídos, seguindo uma determinação objetiva e subjetiva. Dessa maneira, em crítica a outros autores que reconhecem a impossibilidade da

objetividade plena no jornalismo como uma limitação ou sinal de impotência do ser humano, o autor deixa expressa sua opinião sobre o uso da arbitrariedade e subjetividade do jornalista cerceado pelos limites da objetividade. Para ele,

a objetividade oferece uma multidão infinita de aspectos, nuances, dimensões e combinações possíveis para serem selecionadas. [...] O material do qual os fatos são construídos é objetivo, pois existe independentemente do sujeito. (GENRO FILHO, 2012, p.195).

Tais características aproximam a visão da história e do jornalismo enquanto coletores de fatos em uma variedade de possibilidades.

De acordo com Caldas (2005), tanto no discurso jornalístico quanto no histórico, o principal para se tecer o fio da história é o uso da palavra e da imagem, e neste uso, conseqüentemente, deve-se compreender que pela linguagem se constroem múltiplas versões da realidade, pois esta carrega a subjetividade conforme construída por diversos agentes sociais, dentre eles o historiador e o jornalista.

Para Barbosa (in RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.17), a forma como o historiador vem a escolher durante todo o tempo, selecionando fatos, encadeando o seu texto de forma ou de outra e narrando, por mais que se ancore em elementos teóricos e metodológicos, faz com que ele também “invente” sua história.

Isto porque, de acordo com Carr (1982), o historiador enquanto um ser humano individual, como outros indivíduos, também é um fenômeno social, e tanto o seu produto quanto o próprio porta-voz, consciente ou inconsciente da sociedade à qual pertence, aborda os fatos do passado histórico nesta situação em que vive.

Conforme Certeau (1982 apud CALDAS, 2005), ressalta-se que por mais concentrada que seja uma análise de documentos, uma leitura do passado é sempre conduzida por uma leitura do presente.

Essas marcas pessoais encontram paralelismo nas observações de Genro Filho (2012 p. 196) sobre o fato jornalístico. Para ele, este é um recorte em certa medida que é separada arbitrariamente do todo, o que evidencia ser inevitável que os fatos sejam uma escolha, parte de um contexto histórico e social que independe do enfoque subjetivo e ideológico.

“Fica evidente que há uma interpretação e um sentido que devem brotar naturalmente dos próprios fatos, com base, portanto, nos preconceitos e concepções dominantes na sociedade.” (GENRO FILHO, 2012, p. 38).

De acordo com Caldas (2005), da mesma maneira que o historiador, a partir de sua leitura, observação ou consulta em documentos variados faz um relato do que se passou, o jornalista relata os acontecimentos a partir da reconstrução de fatos verificados *in loco* ou reportados por alguém. Sendo assim, a reconstrução dos fatos jornalísticos se assemelha à construção da história pelo historiador. Portanto, o jornalista e o historiador constroem suas versões dos fatos, confluindo neste ponto.

Outra convergência, de acordo com Barbosa (in RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.18), é que a história, se analisada do ponto de vista de fragmentos do passado, pode ser entendida como atos comunicacionais, aquilo que traz o passado ao presente. Mas só é contado aquilo que a temática se refere a interesses humanos. “Um historiador, ao se propor a fazer uma pesquisa, já faz uma opção bem sua, ao decidir qual a realidade que ele vai estudar.” (BORGES, 1980, p. 63).

Para Ribeiro e Ferreira (2007, p. 7), nas sociedades contemporâneas os meios de comunicação são responsáveis por um papel fundamental na construção de uma ideia de história e de memória. Esses profissionais produzem sentidos no âmbito do senso comum para os processos históricos nos quais essa sociedade está inserida, interpondo-se entre a sociedade e as transformações cotidianas. “Além disso, a mídia – sobretudo a jornalística – aponta entre todos os fatos da atualidade aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância histórica.” (RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p. 7).

De acordo com Meneses (2010), a mídia não vê o passado como um dado morto, mas como suporte vivo de interpretação para o presente e este, por sua vez, não é interpretado como um tempo de “não-história”, mas como o lugar próprio da fabulação da história; o tempo do “fazer a história”.

Para ela, os fatos que são apresentados pela mídia como históricos foram colocados aos historiadores a partir de uma perspectiva diferente e desvinculada dos percursos metodológicos do “fazer historiográfico”.

De acordo com Ribeiro (2003), para os historiadores, na questão do “fazer historiográfico”, um fato histórico é, a princípio, qualquer manifestação da vida em sociedade, porém, para ser considerado como tal, o fato deve se constituir de diversas relações com outros eventos, analisados num encadeamento causal. Ou seja, não existe fato histórico ‘puro’, este é sempre produto de alguma elaboração teórica, que o promove a tal categoria.

“Não é por acaso que proliferam obras históricas elaboradas por não historiadores. Jornalistas, sociólogos, advogados passeiam pelos campos da história embalados pelo furor da produção de fontes”. (MENESES, 2010, p.6). Como síntese,

O jornalismo é, em uma primeira instância, a negação do passado e da memória. Os jornais são escritos para comunicar aos contemporâneos, sincronicamente localizados, os acontecimentos de seu tempo e não para registra-lo para as gerações futuras. (...) Sua âncora é o tempo presente. Seu eixo articulador é o atual, o novo. (RIBEIRO, 1998, p.2).

Por outro lado, não somente outras áreas abarcam a história. De acordo com Ribeiro (1998), a mídia também é utilizada cada vez mais pelos historiadores como apoio e fonte em pesquisas. Como exemplo, cita que do total de trabalhos sobre o século XX apresentados, em 1995, no Encontro Nacional de Pós-graduandos em História, aproximadamente 70% faziam uso de meios de comunicação (principalmente jornais) como fonte histórica.

Nisso, nota-se um movimento de confluência entre as produções midiáticas, mais especificamente jornalísticas e históricas.

Em contraponto, enquanto modalidades discursivas das transformações da realidade, Ribeiro (1998) distancia as duas práticas no momento em que aponta que a história cria uma dimensão profunda do tempo, costura diversos acontecimentos sem estabelecer entre eles uma relação causal. O jornalismo, por sua vez, segundo Ribeiro (1998), extrai uma sincronia na superfície das narrativas e finca os acontecimentos em uma cronologia.

Para Caldas (2005), durante muitos anos, as únicas fontes oficiais eram documentos históricos, o que propiciou que a história oficial fosse contada apenas pelo ângulo dos dominadores e se desconhecisse a história dos derrotados. Aos poucos, porém, a história oral e, mais recentemente, através da mídia, foi possível que a história passasse a ser compartilhada e, segundo ela, o texto jornalístico se torna desta forma “fonte de documentação histórica”. Sendo assim, “a construção das múltiplas faces da memória encontra na mídia um importante interlocutor, daí a responsabilidade social do jornalista como historiador do cotidiano.” (CALDAS, 2005, p.56).

“Além disso, mesmo que não seja este seu objetivo, os jornais registram e constroem memória.” (RIBEIRO, 1998, p. 3). Isto porque, segundo a autora, a imprensa constantemente busca respaldo na história, tanto em seu aspecto discursivo – enquanto recurso explicativo e organizador do real – quanto no âmbito de suas ferramentas de funcionamento.

Nota-se que as relações entre a história e o jornalismo são por vezes distantes e divergentes em relação à temporalidade e forma de condução da cronologia dos fatos, dispensando ou não as causalidades. As temáticas, porém, se aproximam quando se diz respeito aos fatos, sendo tanto o jornalista quanto o historiador selecionadores de fatos a partir de um recorte de um fluxo contínuo de acontecimentos, apresentando desta maneira as marcas da subjetividade em suas escolhas.

Desvelar o mundo construído pela mídia implica reconhecer o papel da mídia na construção da história do cotidiano. Entretanto, o entendimento do papel do jornalista na construção coletiva da memória passa pela compreensão do contexto histórico dos fatos e do veículo em que está inserida, sua linha editorial e política. A análise do discurso jornalístico para a construção da história do cotidiano passa, necessariamente, pelo conhecimento da história de vida dos agentes envolvidos no processo da informação (jornalistas e proprietários dos meios). (CALDAS, 2005, p. 56).

Desta forma, destaca-se o fato de que o jornalista se torna um agente importante na construção de fatos históricos e, por conta disso, pode ser apontado como um historiador do cotidiano.

3 LITERATURA E JORNALISMO

Da mesma maneira que se encontram confluências e divergências em relação à história, igualmente com a literatura o jornalismo apresenta traços de aproximações e distanciamentos. Para isso, faz-se necessário entender o ponto inicial de intersecção e distanciamento entre os temas: o uso da palavra.

De acordo com Galeno (2002), *Litteratura* provém do latim *litterata*, que está relacionado a caracteres ou escritos impressos. Assim, tanto na literatura quanto no jornalismo a palavra é o principal recurso utilizado para que o público seja atingido, no caso, o leitor. De acordo com Lima (1990), a literatura é toda expressão verbal que tenha ênfase nos meios, ou seja, nas palavras.

“O jornalismo tem sempre, por natureza, como veremos, um fim que transcende ao meio. E por isso, sempre que reduzir o meio (a palavra) a um simples instrumento de transmissão, deixará de ser jornalismo para ser apenas publicidade.” (LIMA, 1990, p. 38).

Para entender a trajetória do jornalismo é preciso retomar as suas marcas históricas. Marcondes Filho (2000) divide a história do jornalismo em quatro partes, sendo a primeira iniciada em 1789. O autor aponta que até aquele ano não existia atividade jornalística tal como se conhece, pois as empresas jornalísticas tinham trabalhos bastante artesanais em que atendiam as demandas de somente alguns dos núcleos de poder, que, por sua vez, tinham interesse em deter informações econômicas e políticas. “O saber restringia-se à Igreja e à Universidade.” (MARCONDES FILHO, 2000, p.17).

O autor ainda diz que o primeiro jornalismo, cujo fim data de 1830, se caracterizou pelo cunho literário e político, no tempo em que o principal intuito das empresas jornalísticas era defender bandeiras políticas – mesmo que de maneira não lucrativa –, com textos repletos de críticas e opiniões e as redações eram lideradas por escritores e intelectuais da época.

Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e o jornal seu porta-voz. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um jornal, escreve Otho Groth. Em Paris, somente entre fevereiro e maio de 1789, surgiram 450 clubes e mais de 200 jornais. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 12).

Era comum, para época, que apenas uma pessoa acumulasse cargos distintos dentro de uma redação. Nesse primeiro momento, o jornalismo se aproveita dos recursos literários para se compor.

“Os laços de atrelagem e dependência aos fatores de ordem econômica aparecem de forma menos nítida no caso da literatura do que no jornalismo. À literatura sempre se resguardou um sentido de autonomia.” (BULHÕES, 2007, p. 28), ou seja, a literatura é vista como livre no que diz respeito ao seu poder criativo e transformador da linguagem.

Sem traços técnicos e estilísticos específicos, de acordo com Sodré (1999, p. 282), no início do século 20 o jornalismo ainda era praticado por literatos e os escritores buscavam encontrar no jornal impresso a notoriedade e renda complementar.

Jornais e revistas eram como verdadeiros pedestais e trampolins para os escritores da época, como foi o caso de Machado de Assis, o qual, de acordo com Lima (1995), começou a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e ao mesmo tempo, foi escrevendo seus versos e novelas, iniciando também sua carreira como escritor. Outros escritores como Mário de Andrade, Olavo Bilac e Mário Quintana já percorreram pelas trilhas dessas composições híbridas, que são pontos notáveis da convergência entre o jornalismo e a literatura. Eles “encontravam no jornalismo, dessa época pioneira, tanto um eventual meio de subsistência quanto um canal de aprimoramento e a promoção do talento literário”. (LIMA, 1995, p. 135).

Voltando à classificação de Marcondes Filho (2000), com a inovação tecnológica nos processos de produção do jornal no século 19, deu-se início o segundo jornalismo, de 1830 a 1900. “A tendência – como se verá até o final do século 20 – é a de fazer jornal amontado de comunicações publicitárias permeado de notícias.” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 14). Durante esse período também são abaladas as funções políticas dentro do jornal.

O terceiro jornalismo seguindo a categorização de Marcondes Filho (2000) se dá no século 20, de 1900 a 1960, em meio ao crescimento e desenvolvimento das empresas jornalísticas. Essa fase foi marcada pela ameaça das guerras e dos governos totalitários do período e pela descaracterização ou decadência da atividade jornalística.

De acordo com Lima (1995), antes de 1930, os jornais utilizavam a literatura apenas para entreter o leitor, através de suas histórias. A partir do momento em que ele se insere na área da cultura mercadológica, o veículo passa a vender histórias. O jornalismo articulava a literatura enquanto produto de consumo e não mais como uma espécie de caderno literário.

Bulhões (2007) observa que, no Brasil, entre o jornalismo e a literatura registra-se uma trajetória de rica convivência em tempos recuados, “e por mais que se imaginasse uma definitiva separação a partir dos anos 50 (século XX), novos e desconcertantes lances de aproximação entre os caminhos do jornalismo e da literatura têm se realizado em tempos mais recentes”. (BULHÕES, 2007, p. 9)

Na classificação de Marcondes Filho (2000), a literatura e o jornalismo caminham juntos principalmente durante no primeiro e segundo jornalismo. Porém, no início do quarto jornalismo, em 1960, passaram por um momento em que estiveram significativamente relacionados. Este foi o advento do *New Journalism* ou Novo Jornalismo, na tradução para o português, vertente do Jornalismo Literário, modalidade que agrega elementos literários às notícias.

De acordo com Pena (2006, p. 13), “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo”. O que ele faz é desenvolvê-las criando novas estratégias profissionais, sem abandonar critérios importantes do texto jornalístico. De acordo com o autor, a apuração rigorosa, a observação, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outros, são características primordiais do jornalismo que continuam importantes e são as mesmas na prática do jornalismo literário.

Pena (2006, p. 105) aponta a dificuldade em enquadrar o Jornalismo Literário em uma classificação. Segundo o autor, “há muitos caminhos, muitos conceitos, muitas ideias. Nenhuma delas é absoluta, mas cada uma contribui para o estudo do tema”. Por conta disso, não é simples indicar um precursor do Jornalismo Literário. Pena (2006, p. 52) defende Daniel Defoe, considerado por alguns estudiosos como o primeiro jornalista literário moderno. “Foi em 1725, por uma série de reportagens policiais em que misturou Literatura e Jornalismo, utilizando as técnicas narrativas de seus 11 romances para tratar de fatos reais, que começou a atuar na imprensa.” (PENA, 2006, p.53). De acordo com o autor, a visibilidade do gênero se deu quando Tom Wolfe elaborou, em 1973, um manifesto.

De acordo com este documento, Wolfe – que era contrário ao tom pálido das páginas dos jornais americanos – estabeleceu quatro recursos básicos do Novo Jornalismo: “reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.” (1973, apud PENA, 2006, p. 54). Pena (2006) ressalta que, mesmo seguindo tais passos, ainda não é tão simples tornar-se um jornalista literário. Para isso, é necessário que o indivíduo seja engajado e entreviste com exaustão cada uma de suas fontes até conseguir todas as informações com a maior profundidade possível.

Quando os novos jornalistas americanos surgiram, o jornalismo literário já havia conquistado espaço considerável ao longo das décadas anteriores, testando as técnicas literárias transplantadas para o jornalismo que, através da produção de gente de prestígio como A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross, Ernest Hemingway. Gay Talese e seus contemporâneos dos anos 60 e 70, aperfeiçoaram essas técnicas, assim como inovaram com a introdução de pelo menos duas novas. Tom Wolfe trouxe para o jornalismo a técnica do fluxo de consciência – que fora introduzida na literatura de ficção por James Joyce, em seu trabalho *Ulisses* –, enquanto Norman Mailer criou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa. Assim, o *new journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário. (LIMA in CADERNOS..., 2003, p. 12).

Lima (1995) afirma que o *New Journalism* deu um importante passo na direção da abrangência da realidade quando trouxe para o texto os monólogos interiores dos personagens, bem como fluxos de consciência, recursos que eram apenas empregados na literatura, até então.

Segundo Bulhões (2007), o que tem de movimento no *New journalism* diz respeito apenas à agitação que tomou o jornalismo abalando as estruturas textuais do jornalismo, mas:

O *new journalism* não foi exatamente um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma crítica textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*, por gente como Kimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feição de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer. (BULHÕES, 2007, p. 145).

Segundo Rodrigues (2003), a partir do início dessa corrente, recursos que eram comumente utilizados por escritores passam a figurar em reportagens de jornais. “O novo jornalismo é uma corrente importada, que se adaptou à realidade do Brasil [...] e provou que é possível a união da informação com a qualidade estética na apresentação da notícia.” (RODRIGUES, 2003, p. 31-33).

Para Lima (2010) o Jornalismo Literário abarca um universo peculiar. Como não é o mais praticado, tampouco mais conhecido, resta-lhe ser o mais diferente. “É um mundo particular, diferenciado, dentro de outro mundo maior que o abrange, o jornalismo.” (LIMA, 2010, p. 9).

De acordo com Lima (2010), nesse estilo é possível que o leitor não tenha conhecimento somente do que aconteceu, do “esqueleto” do acontecimento, mas de como aconteceu, sentindo-se parte da cena do ocorrido. Ponto importante presente no Jornalismo Literário é a questão do relato cena a cena, que, para o autor, tem natureza visual e tenta fazer com que o leitor viva um pouco do que o relator presenciou. “Em lugar de contar indiretamente o que aconteceu, mostra. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento.” (LIMA, 2010, p.16).

Para que isso seja possível, Lima (2010 p. 19) diz que o Jornalismo Literário trabalha um conjunto de ferramentas e recursos narrativos para contar a história compondo elementos do próprio jornalismo e originados na literatura de ficção.

De acordo com Pena (2006), a prática do Jornalismo Literário pode ser vista em críticas literárias, biografias, romance reportagem e ficção-jornalística. O livro reportagem, que será tratado no próximo capítulo, se aproxima do romance-reportagem da classificação de Pena (2006), que “busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos”. Nesses casos, o autor diz que é até possível que haja aproximação da ficção, mas isso é realizado deliberadamente, diferente do que acontece na ficção-jornalística que cria uma narrativa ficcional em cima de um caso real.

Retomando a classificação de Marcondes Filho (2000), na quarta e última fase do jornalismo, que data do fim do século 20, apresenta-se um jornalismo com marcas da tecnologia que advém da época. Essas fontes tecnológicas produzem conteúdo vindo de várias fontes, transformando-as em notícias. “A informação produzida e circulante nas redes, incide adicionalmente sobre o papel histórico do

jornalista como um 'contador de histórias' (repórter), mas também como um 'explicador do mundo' [...]". (MARCONDES FILHO, 2000, p. 30)

Em relação à diferenciação em relação à natureza informacional, o jornalismo, de acordo com Bulhões (2003), a vê como um meio e não como um fim. No que diz respeito à literatura, a linguagem é vista não como meio, mas como fim, matéria em si e portadora de potencialidades expressivas.

"Na literatura a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem." (BULHÕES, 2003, p.12).

Já para Rodrigues (2003) a razão de ser de uma palavra, no contexto jornalístico, é informar, tentar passar para o leitor o sentido daquele fato ou acontecimento em sua realidade. De acordo com Marques (2009), o jornalismo produz reportagem, notícia, artigo opinativo. Já a literatura é responsável por navegar nos gêneros épicos, líricos e dramáticos. "Criar contos, romances, novelas, poemas, ou uma terceira via ainda é possível, um gênero híbrido, mescla de literatura e jornalismo: a crônica." (MARQUES, 2009, p.12).

De acordo com Rodrigues (2003), muitos autores de comunicação, escritores e jornalistas estabelecem que a relação entre literatura e jornalismo é estreita, considerando ainda que o jornalismo pudesse ser uma prática literária, por se utilizarem de uma mesma matéria prima, que são as palavras, porém, com diferentes finalidades. "No jornalismo, as palavras são o meio de unir distantes: os fatos e os leitores. Na literatura, os vocábulos são costurados em nome da criação estética, onde o que importa é o prazer do leitor, as tramas fictícias, às vezes com base no real [...]" (RODRIGUES, 2003, p. 15).

De acordo com Marques (2009), tudo o que é escrito não serve apenas para que se ocupe um espaço, uma lacuna em branco, mas são palavras que fazem parte de uma forma convencional de linguagem. A ela atribuímos papel social, valor ou alguma função, desta maneira ela faz parte de um gênero, que, segundo o autor, trata-se da premissa maior para que se compreenda as aproximações entre jornalismo e literatura.

"Uma das questões mais remotas e controversas da teoria da literatura diz respeito à discussão de gêneros. Os estudos de jornalismo, embora mais recentes que os literários, sofrem também com isso." (BULHÕES, 2007, p. 35).

Em relação às aproximações entre a literatura e o jornalismo, Bulhões (2007 p. 35) analisa que “aspectos expressivos caracterizadores de alguns gêneros literários se projetam sobre alguns do jornalismo”.

Para Rodrigues (2003), o preciosismo das construções literárias, podem ser utilizados pelo jornalismo como forma de enriquecer o texto, qualificando a narração dos fatos e fazendo, com isso, que a leitura se torne algo agradável.

Em concordância com este pensamento, Bulhões (2007) classifica a narratividade como sendo o ponto essencial da confluência entre os gêneros literário e jornalístico. “Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística.” (BULHÕES, 2007, p. 40).

Do ponto de vista dos distanciamentos entre os temas, Bulhões (2007) aponta que enquanto na literatura uma longa trajetória histórica culminou à superação do caráter normativo, com negações de regras e padrões, no jornalismo, por sua vez, os padrões expressivos e estilísticos foram sedimentados por conta das exigências profissionais e mercadológicas. Isso não quer dizer que a literatura ficou imune às eventualidades mercadológicas, “sobretudo, quando se leva em conta a fase do capitalismo avançado, em que não é difícil vislumbrar a dinâmica editorial atingindo o semblante de seus formatos e realizações estilísticas”. (BULHÕES, 2007, p. 39).

De acordo com Bulhões (2003) a crônica, mesmo sendo vista como uma filha bastarda da literatura, ainda é bastante praticada, utilizada pelos grandes jornais para arejar os assuntos pesados se suas páginas. “O tom da crônica seria, pois, o da descontração, da leveza e do descompromisso, mesmo quando lança um olhar para o mais terrível e urgente dos acontecimentos da atualidade.” (BULHÕES, 2003, p. 48).

Pode-se inferir que a literatura e o jornalismo possuem momentos de proximidade. A busca pela notoriedade e pelo dinheiro levou literatos às redações, que, por sua vez, foram se remodelando em empresas jornalísticas até o ponto de diminuir os espaços literários em suas páginas, causando, assim, um rompimento.

“As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário.” (SODRÉ apud RODRIGUES, 2003, p. 27).

Além disso, há divergência dos dois temas em relação à palavra. Mesmo que a “matéria prima” de ambos seja a mesma, a literatura a tem como um fim nela mesma e o jornalismo como um meio, as palavras não acabam em si.

Em relação às confluências entre as temáticas, destaca-se a questão da narratividade. Tanto o jornalismo quanto a literatura se utilizam de recursos narrativos para contar uma sequência de eventos que se sucedem.

De acordo com Bulhões (2003), designações mais recentes como romance-reportagem ou livrorreportagem são a materialização da apreensão realizada pelo jornalismo do legado da prosa literária ocidental. “A expressão romance-reportagem, assim como conto-reportagem, condensa exemplarmente o hibridismo de gêneros do jornalismo e da literatura que aqui se persegue.” (BULHÕES, 2003, p. 46). Isso é o que leva à discussão do próximo capítulo.

4 O LIVRORREPORTAGEM

Um dos frutos do casamento entre jornalismo e literatura é o livrorreportagem, que, “de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário” (LIMA, 1995, p. 135).

Sem receber a mesma notoriedade e dimensão que lhe é atribuída em vários países, no Brasil, o livrorreportagem segue sob certo desconhecimento tanto na área acadêmica quanto nas redações. “O livrorreportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações regulares.” (LIMA, 1995, p.11).

De acordo com Rangel e Ribeiro (2006), é na década de 60, com o nascimento do novo jornalismo, que o livrorreportagem aparece com mais veemência e vem a se tornar, então, o veículo mais comum deste novo gênero. Lima (1995) afirma que o livro como veículo jornalístico surgiu a partir da necessidade de aprofundamento em reportagens de fatos importantes e acrescenta que “a decadência da grande reportagem na imprensa nacional facilita a ascensão do livrorreportagem”.

Rangel e Ribeiro apontam que o livrorreportagem tem função de “estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional”, ou seja, o livrorreportagem tem como papel específico fornecer informações ampliadas sobre os fatos, acontecimentos e ideias de interesse público, reunindo, assim, uma gama de temas variados.

Belo (2006) diz que o livrorreportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Devido a sua característica, permite uma profundidade difícil de ser alcançada em outras mídias. Pode-se neste gênero reunir uma maior quantidade de informações, uma melhor contextualização, bem como uma construção narrativa mais elaborada que o aproximaria assim da literatura.

Segundo o autor, o livrorreportagem não possui uma data de nascimento específica. Sabe-se que muito antes deste conceito ser definido, antes destes chegarem aos círculos acadêmicos ou entre os jornalistas, já haviam sido publicadas diversas narrativas de não-ficção. Já nos veículos periódicos, Rodrigues (2003)

ressalta que a busca pela estética no texto não pode superar o principal, que é a informação. A autora ressalta que “as informações são a alma do jornalismo e o texto é o corpo.” (RODRIGUES, 2003, p. 88).

Em relação ao conceito deste modelo, de acordo com Lima (1995), há três condições que o constroem. O primeiro é a contextualização do fenômeno que se propõe analisar, agregando os princípios básicos que envolvem o cenário maior no qual se coloca o livrorreportagem. “Nesse caso, o livrorreportagem pode ser encarado como um subsistema do sistema jornalismo.” (LIMA, 1995, p.18). De acordo com Lima (1995), pode ser visto como híbrido no sentido de pertencer a um subsistema ligado tanto ao jornalismo quanto à editoração. Porém, o intuito maior é o ver em sua conexão com o jornalismo, entendendo que sua função básica é a de veículo de comunicação relacionado às finalidades jornalísticas.

Em segundo lugar, o autor elenca a delimitação do fenômeno no tempo, “de modo a definir as particularidades relevantes de seus antecedentes e a inferir possíveis desdobramentos.” (LIMA, 1995, p.18). E, por último, a detecção do que o fenômeno em análise vem realizando e o que pode representar.

Em torno da discussão em qual modalidade o livrorreportagem se enquadra e se, de fato, seus conceitos se adequam ao jornalismo e por que Lima (1995) diz que:

Basicamente, a função que o livrorreportagem exerce, apesar de matizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provêm do jornalismo. E, o profissional que escreve um livrorreportagem é, quase sempre, um jornalista. (LIMA, 1995, p. 20).

Ou seja, a base do livrorreportagem é a mesma que rege os princípios do próprio jornalismo. Segundo Lima (1995), as mensagens articuladas jornalisticamente exercem as funções do jornalismo através do relato das ocorrências sociais diárias, encontradas nos veículos de comunicação.

Para entender esse conceito é importante que se compreendam duas particularidades do jornalismo que se fazem presentes na elucidação do que é um livrorreportagem: a notícia e a reportagem.

“Notícia é a comunicação de uma estrutura fática, atual ou atualizada, que corresponde, consciente ou inconscientemente, a uma vigência social geral de um grupo social específico.” (BELTRÃO apud LIMA, 1995, p. 23).

É vista como uma fórmula do jornalismo que, com o tempo, foi ganhando cada vez mais apuração e enriquecimento a fim de combater a superficialidade. “Seu papel é informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata e objetiva.” (LIMA, 1995, p. 24).

Com a intenção de deixá-la cada vez mais completa, ampliando as informações e oferecendo melhores condições de compreensão para o receptor, o jornalismo desenvolveu uma modalidade chamada de reportagem. “Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem...” (LIMA, 1995, p. 24), prática em que se é possível mergulhar a fundo em um determinado fato e contexto sem prender-se às amarras do *lead*.

Toda reportagem pressupõe investigação e interpretação, como aponta Lage (2008). Ela é a expressão do jornalismo interpretativo, que tem por objetivo preencher as lacunas informativas deixadas pela notícia por meio de uma narrativa de diversos ângulos composta por fatores como o contexto – a rede de forças que atuam sobre o fato –, os antecedentes, a projeção no futuro, o suporte especializado – quem tem conhecimento sobre o acontecimento – e o perfil dos personagens relacionados ao fato.

Devido às variedades de produção, Lima (1995) propõe uma classificação quanto à temática e modelos de tratamento narrativos. Dentre os tipos de livrorreportagem, destaca-se o livrorreportagem-depoimento cuja definição se aproxima do livrorreportagem objeto de análise neste estudo.

Segundo Lima (1995), tal categoria:

Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido – geralmente com a assistência de um jornalista – ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. (LIMA, 1995, p. 45).

A produção de um livrorreportagem demanda esforço de apuração e detalhamento. Belo (2006) afirma que tem por costume consumir muito tempo e muito trabalho, às vezes anos de desenvolvimento, além de algumas dezenas de entrevistas e a leitura de centenas de edições de periódicos, documentos e livros. O autor ainda destaca que “o livrorreportagem não substitui o jornal e a revista, pode perfeitamente ocupar os espaços deixados pelas deficiências da cobertura cotidiana

– complementando-a ou fazendo o que outros meios não fazem.” (BELO, 2006, p. 55-56).

Por conta desse esforço de produção, tal formato não é um modelo popular. De acordo com Lima (1995), esse é um veículo de comunicação com bastante notoriedade em países ocidentais e as temáticas variadas podem ser conferidas quando se focaliza, especialmente, a América do Norte e os países da Europa Ocidental, como Inglaterra, França, Alemanha e a Espanha.

Lima (1995) ainda elenca outros países e os temas descritos em suas produções. Na Arábia Saudita, por exemplo, abordaram-se temas relacionados ao petróleo e à liderança nesse mercado e a história dramática do sequestro de um avião comercial; no Canadá, a produção que relata a construção da ferrovia e sua relevância para atualidade e na Índia, a história da independência do país. “No Brasil, apesar de todas as dificuldades inerentes ao mercado editorial, também é possível apontar alguns títulos de inegável valor.” (LIMA, 1995, p.16).

Segundo Lima (1995), as produções que servem como exemplo de livrorreportagens publicados no Brasil que obtiveram notoriedade são: *Olga*, de Fernando Morais; *Xingu: uma flecha no coração*, de Washington Novaes; *Conversas com Vargas Llosa*, de Ricardo Setti; 1968 *O ano que não terminou: a aventura de uma geração*, de Zuenir Ventura.

O livrorreportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 1995, p. 16).

Mesmo sendo visto desta maneira, o livrorreportagem não é uma modalidade do jornalismo amplamente aplicada. De acordo com Lima (1995), não somente sua produção no Brasil é quase inexistente como os trabalhos acadêmicos não são frequentes. “Há carência de trabalhos que formem um patamar conceitual básico, sobre o qual se poderá avançar para questões específicas, particulares, desse universo.” (LIMA, 1995, p.16).

Morais (2004) aponta que, no Brasil, o incentivo à produção do livrorreportagem começou, principalmente, a partir da década de 70, após o fim da

ditadura militar; grandes jornalistas também fizeram relatos fieis daquilo que presenciaram nos anos anteriores.

Por conta da falta de uma cobertura mais ampla em determinados assuntos nos jornais, é que as edições de livrosreportagens vêm crescendo no Brasil. O que, para Belo (2006), acaba com a ideia de alguns jornais que acreditam que o leitor não quer textos longos e profundos. Segundo o autor, o que o público decididamente não deseja são textos chatos ou sem conteúdo.

Morais (2004, p.12) acrescenta que, apesar de haver jornalistas de grande destaque e renome “como Caco Barcellos, Ricardo Kotscho e Ruy Castro se dedicando à produção de excelentes livrosreportagem, este veículo ainda precisa amadurecer bastante no Brasil”.

5 ANÁLISE DA OBRA

Para chegar ao objetivo deste estudo respondendo à questão que o norteia, se fez necessário seguir determinados passos metodológicos descritos neste capítulo. A começar pela revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, que se fizeram presentes desde a elaboração do projeto de pesquisa.

A escolha do método deve-se ao fato que, para discorrer sobre um tema, é necessário entendimento vasto sobre tal, bem como conhecimento sobre as obras já publicadas e as pesquisas já realizadas em torno do assunto. Este processo recebe o nome de revisão de literatura, a qual é necessária para situar o autor de um novo trabalho. “Sendo assim, a revisão de literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até sua conclusão.” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 54).

Segundo Duarte e Barros (2006), qualquer pesquisa necessita, inicialmente, de um planejamento global que engloba a identificação, localização e obtenção do material bibliográfico necessário. O levantamento bibliográfico é uma série de procedimentos que busca identificar informações bibliográficas, selecionar os materiais e trechos pertinentes ao tema da pesquisa, seguido de fichamentos e anotações que auxiliam na redação do trabalho acadêmico em questão.

“Por vezes, trata-se da única técnica utilizada na elaboração de um trabalho acadêmico, como na apresentação de um trabalho acadêmico, como na apresentação de um trabalho final de uma disciplina...” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 51).

No que diz respeito às fontes de informação para a elaboração desta pesquisa, foram utilizadas bibliografias especializadas, que são “publicações que contêm a relação de obras publicadas sobre determinado assunto, em um período específico” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 56) retirados da Biblioteca Central "Cor Jesu", pertencente à Universidade do Sagrado Coração; bem como portais de notícias e artigos acerca do assunto discutido publicados online. Os dados basearam a redação dos capítulos História e Jornalismo, Literatura e Jornalismo e O Livrorreportagem.

A metodologia deste estudo também engloba o método de análise de conteúdo, necessária para responder à questão problema da pesquisa. “Esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios

emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento.” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 280).

De acordo com Duarte e Barros (2006), a análise de conteúdo, historicamente falando, é um método das ciências humanas e sociais existente desde o século XVIII que investiga os fenômenos simbólicos através de diversas formas e técnicas de pesquisa. Numa definição positivista deste método, encontra-se a de 1952, formulada por Bernard Berelson, como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesta na comunicação”.

Segundo Duarte e Barros (2006), no campo do jornalismo, as primeiras pesquisas que seguiram por esse método foram realizadas nos Estados Unidos, referentes ao surgimento do jornalismo sensacionalista.

O grande impulso recebido pela análise de conteúdo ocorreu mesmo durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa época, 25% das pesquisas com esse método estiveram a serviço do governo americano, seja dedicando-se a desmascarar periódicos e agências de notícias suspeitos de propaganda subversiva (BARDIN, 1988; KIENTZ, 1973), seja monitorando as transmissões radiofônicas internas dos nazistas e seus aliados (KRIPPENDORFF, 1990). (DUARTE; BARROS, 2006, p. 283).

Sendo assim, nota-se que o método já foi testado e executado em diversas situações, desde anos atrás e além dos dados colhidos, de acordo com Duarte e Barros (2006), a inferência é um fator de grande valia neste método.

“Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 284). Segundo os autores, a análise de conteúdo passou muito tempo sendo vista como uma análise de mensagens escritas impressas.

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo realizada no presente trabalho, foi utilizado o método de Duarte e Barros (2006) em que o primeiro passo consiste em fazer a “leitura flutuante, ou seja, o contato com os documentos a serem analisados, visando conhecer o texto e deixando-se invadir por impressões e orientações.” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 290). Neste estudo em questão, o primeiro passo se deu pela leitura do livrorreportagem selecionado como objeto de pesquisa.

De acordo com a metodologia, o segundo momento envolve a seleção dos trechos a serem comparados e analisados e, posteriormente, há o momento de inferência, que, de acordo com Duarte e Barros (2006), trata-se da parte mais fértil da análise, pois tem relação com os aspectos que estão implícitos na mensagem analisada.

Para Duarte e Barros (2006), existem diversos tipos de inferência que podem ser agrupadas em dois grandes grupos, o das inferências específicas, que são as que estão diretamente ligadas ao problema investigado, e as inferências gerais, que vão além da situação do problema, fazendo com que o analista recorra a outros dados do contexto. Neste estudo, as inferências foram realizadas de acordo com trechos extraídos do livroreportagem em comparação com os apontamentos realizados sobre os temas anteriormente discutidos, visando, assim, chegar à resposta do problema proposto.

5.1 OBJETO DE PESQUISA

Dias de inferno na Síria: O relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra é um livroreportagem do autor Klester Cavalcanti, publicado em 2012 pela Editora Benvirá, com 285 páginas, 14 capítulos e prefácio escrito por Caco Barcellos. O livro também conta com quatro páginas em papel diferenciado com imagens captadas durante a viagem com legendas e três páginas destinadas a explicar a “Geografia da Guerra” com um mapa explicativo e três tópicos que retomam questões históricas sobre a origem dos conflitos na região, sobre a guerra atual e suas causas e dados acerca da religião predominante na Síria.

Em 2013, foi eleito o segundo melhor livroreportagem pelo renomado Prêmio Jabuti, que atualmente está em sua 57^a edição.

Klester Cavalcanti, jornalista e escritor, já foi premiado internacionalmente com a melhor reportagem ambiental da América do Sul, conferido pela Agência Reuters e pela IUCN (União Mundial para a Natureza) e também pelo Natali Prize, quando recebeu o prêmio de maior relevância para o Jornalismo de Direitos Humanos do mundo. O recifense, jornalista desde 1994, já teve passagem por veículos como Veja, Viagem e Turismo, Vip, Estadão e IstoÉ e também é autor de

outros três títulos: *Direto da Selva*, *Viúvas da Terra* e *O nome da morte*, sendo os dois últimos também premiados pelo Prêmio Jabuti de Literatura.

5.2 DIAS DE INFERNO NA SÍRIA

Para que a análise do livrorreportagem seja melhor compreendida, abaixo será apresentado um resumo sobre a história e detalhes importante sobre a obra.

Figura 1: Capa do livrorreportagem.



Fonte: Editora Benvirá, 2016.

O livro apresenta o relato da viagem de Klester, em maio de 2012, ao Líbano e ao seu ponto principal: a Síria. Ele viajou com visto de imprensa garantido por sete dias para o país que, desde março de 2011, vive em guerra civil disputada por grupos a favor do presidente Bashar al-Assad – que representa o Exército e a Polícia – e a maior parte da população Síria, que exige a saída do ditador, representada principalmente pelo Exército Livre da Síria (ELS).

Motivado pelo ensejo de cobrir uma guerra e trazer ao Ocidente o retrato da realidade daquele local tão sofrido e resumido em estatísticas, o jornalista – em árabe, chamado *sahafi* – embarcou para a terra do ditador Bashar al-Assad com

visto de imprensa e ciente dos riscos que o aguardava. Viajou na intenção de produzir uma reportagem para a IstoÉ, veículo de comunicação em que trabalhava no período. Chegando a Beirute, no Líbano, encontrou com um casal de irmãos solícitos que o auxiliaram com as principais necessidades iniciais.

É até possível acreditar, durante as 70 primeiras páginas, que Klester chegará a seu destino sem muitos problemas. Mas isso não é o que ocorre. Depois de uma primeira tentativa frustrada de entrar em Homs, na Síria – local mais devastado pela guerra civil que eclodira em março de 2011 –, Klester retornou à Beirute e teve de encontrar outras formas para chegar a seu destino. Nesse primeiro momento, todas as pessoas que passam por seu caminho tentam dissuadi-lo da viagem, alertando-o sobre os riscos, mas Homs é o destino desejado por Klester desde a decisão pela viagem. Então, ele segue para a cidade sempre fotografando ou gravando em sua câmera imagens por onde passa, sem deixar de conhecer as histórias pessoais da maioria das pessoas que cruzam seu caminho.

Chegando em Homs, Klester consegue – com muito custo – um taxista para o levar até seu amigo, mas pelo caminho enfrenta as primeiras dificuldades. O desgosto do taxista por ter de levá-lo em um lugar tão perigoso é tão grande que o homem passa o trajeto falando poucas palavras com o jornalista. Além disso, eles foram parados pelo caminho por oficiais do governo que revistavam Klester, momento em que ele teve a ideia de proteger um dos cartões de memória de sua máquina fotográfica, escondendo-o. Na quarta e última parada, Klester teve de descer do carro e ficar na base com os oficiais, que o levaram para um prédio público, espécie de delegacia. É nesse momento que Klester, conversando em inglês com um oficial – Yasin Houssein –, descobre o significado da palavra *sahafi*, que até então desconhecia.

Sem muitas explicações sobre o motivo de estar detido, sem direito a uma ligação sequer e com apenas um oficial com quem pudesse conversar em inglês, o jornalista foi coagido e passou por momentos de muita tensão. Ele relata que a sensação da morte já havia passado do “achismo”, de uma possibilidade. Klester tinha certeza de que iria morrer e, mesmo depois de perceber que sua vida estava à salvo, passou por momentos de tanta angústia que chegou momentaneamente a preferir ter morrido a viver tamanha aflição. “Lembro-me de ter pensado em pedir para um dos policiais para me dar um tiro na minha cabeça e acabar com aquele inferno de uma vez por todas.” (CAVALCANTI, 2014, p.121).

Em um interrogatório no prédio para onde foi levado, teve o rosto queimado pela brasa do cigarro de um oficial que queria obrigá-lo a assinar um documento em árabe. No interrogatório, Klester mentiu, disse que havia ido à Homs procurando por parentes de uma amiga, para isso utilizou um papel com o nome e endereço dos parentes de uma amiga que, realmente, tinha pedido que ele os procurasse.

Passado seu interrogatório, o *sahafi* foi fichado, algemado e passou a noite ao lado de um oficial responsável por seus pertences – Kamal, o sobrenome não quis dizer – que dormiu, possibilitando que o jornalista alcançasse seu celular, na tentativa de ligar para Bruno Carrilho, contato de Klester na embaixada do Brasil em Damasco. O celular estava sem sinal. Frustrado, Klester conseguiu devolver o celular no saquinho em que estava guardado, não sem antes derrubar uns grampos que estavam na mesa. Com esses grampos ele desfez a bainha de sua calça para esconder o segundo cartão de memória da máquina, que até o momento estava no bolso de sua calça. Dessa maneira, Klester salvou as imagens e vídeos de sua viagem.

Encaminhado para a Penitenciária Central de Homs, onde ficou detido com mais 22 presos, todos sírios e que haviam cometido delitos leves ou com histórico de bom comportamento. Apenas um dentre eles era um rebelde da oposição ao governo, Adnan al-Saad. Klester se refere a ele como uma pessoa muito alegre e que ajudava a manter a boa convivência. Ele deu de presente a Klester um anel de prata com ônix na noite em que soube que seria libertado. Além disso, Klester recebeu outros presentes dos personagens que encontrou.

Durante o período de cárcere, Klester pode colher informações sobre a vida daquelas pessoas, a realidade da guerra, a cultura e até mesmo religião daquele povo, já que faziam uma prece cinco vezes por dia, virados para Meca (o que sempre era motivo de emoção para Klester). Tudo isso foi possível graças ao dono de uma loja de roupas, Ammar Ali, único que falava inglês na cela e pode traduzir todos os diálogos de Klester com os outros detentos e com os oficiais da penitenciária. Assim, Klester narra a história dos encarcerados e os reflexos da guerra na vida de cada um deles. Os dias na prisão vão se passando e Klester não consegue fazer contato com Bruno, da Embaixada do Brasil em Damasco. Dessa forma, o jornalista espera que, no dia que estava marcado seu retorno ao Brasil e, que seu visto expiraria, ele seria liberado para retornar. Ele havia deixado combinado com o diretor de redação da IstoÉ, Mario Simas Filho, que caso não

chegasse o dia de seu retorno e ele não aparecesse, poderiam acionar Bruno, na embaixada. E foi o que aconteceu.

A prisão de Klester havia se tornado um incidente diplomático internacional que necessitou de intervenção do Itamaraty. Graças ao bom relacionamento entre Brasil e Síria no momento, o caso foi tratado com prioridade e logo a liberdade de Klester foi garantida. Abeer al-Ahmed, diretora de Mídia Internacional do Ministério da Informação, teve oportunidade de conversar com Klester um pouco antes dele deixar a cidade de Damasco, capital da Síria – para onde foi de ônibus algemado e acompanhado por um guarda-costas, depois de deixar a penitenciária em Homs. Na conversa, ela explicou que a prisão dele foi facilitada porque ele não seguiu as recomendações de se apresentar em Damasco antes de seguir para Homs. O jornalista foi direto para a cidade porque sabia da obrigação de jornalistas serem acompanhados por oficiais e temia que isso o privasse de fazer seu trabalho em Homs, por conta dos grandes riscos. Nesse ínterim, algumas matérias sobre o caso foram publicadas, Klester conseguiu rever o casal de amigos em Beirute, no Líbano, e lá teve de ficar até voltar para São Paulo.

Com alguns problemas com o voo de volta, Klester teve de produzir a matéria para a IstoÉ ainda em Beirute. Na sexta-feira, 1º de junho de 2012, o *sahafi* pisou novamente em solo seguro e brasileiro, deixando para trás, com enorme pesar, seus amigos de cárcere: Ammar, Adnan e Walid. “Apenas pedi a Alá que os protegesse e que abreviasse os dias de dor e de morte na Síria. Aquele povo merecia um pouco de paz. Chorei.” (CAVALCANTI, 2014, p.282).

5.3 ANÁLISE

A análise de conteúdo será guiada, em um primeiro momento, pelo comparativo com a literatura, posteriormente, pelas relações encontradas com a história e, por fim, pelas associações com o jornalismo.

Do primeiro capítulo “Entre o Líbano e a Síria” ao último “Liberdade” é possível encontrar marcas da narratividade presente no jornalismo literário e na literatura, segundo os autores Rodrigues (2003) e Bulhões (2007) consecutivamente.

Klester utiliza-se de um fluxo narrativo em que enreda o leitor do momento em que narra sua saga desde Beirute até a tão desejada Homs – cidade mais devastada pela guerra. O autor usa de muitos recursos de descrição e elementos

visuais que colocam o leitor na cena do incidente, conforme Lima (2010), além de registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens, características primordiais do jornalismo literário, segundo Wolfe (1973, apud PENA, 2006, p. 54).

Tais características podem ser destacadas nos trechos retirados do livro e transcritos a seguir:

“Eu viajava em uma das últimas poltronas, na janela e do lado direito do veículo. Éramos em 27 passageiros. Todos homens. A maior parte de jovens aparentando não mais que 30 anos.” (Capítulo 1, p.24).

“A mulher que parecia mais velha tinha rosto redondo e olhos tristes. Usava um vestido preto e véu de seda lilás que lhe cobria a cabeça, o pescoço e o colo – como manda o Islã – e tratava o rapaz como se ele fosse seu filho: muitos abraços, beijos e lágrimas.” (Capítulo 1, p.24).

“Havia muito lixo no chão – sobretudo latas de refrigerante e garrafas d’água – e jovens exibindo seus carros importados com as portas abertas e o som no volume máximo.” (Capítulo 2, p. 39).

“Havia 11 fotos de Bashar al-Assad, em situações e estilos para todos os gostos: sorrindo, sério, de óculos escuros, de uniforme militar, acenando.” (Capítulo 2, p. 43).

“Jovens de não mais de 25 anos, com uniformes militares sem identificação, mantinham metralhadoras e fuzis pendurados nos ombros.” (Capítulo 3, p. 57).

“Ibrahim Mansour tinha 33 anos, mas suas rugas profundas, os cabelos grisalhos e os olhos cansados conferiam-lhe aparência de um homem de 40 anos ou mais.” (Capítulo 4, p. 65).

“Havia blocos de cimento no meio da estrada, forçando os veículos a transitar lentamente e em zigue-zague.” (Capítulo 5, p. 81).

“Tinha cerca de 1,80 metro de altura, uns 75 quilos e corpo atlético. O rosto era quadrado, marcado por olhos grandes e castanhos. O nariz pequeno, mas largo, destacava o cavanhaque bem desenhado.” (Capítulo 7, p. 119)

“Na tevê, os tiros e gritos não pareciam incomodar o policial, que continuava dormindo serenamente. Era quase 1 hora da manhã.” (Capítulo 7, p. 125).

“Uma grade de ferro, do teto ao chão, separava esse espaço de um corredor de 12 metros de comprimento por 2 de metros de largura.” (Capítulo 8, p.139).

“Tinha passado 42 horas e 30 minutos acordado, sem dar um cochilo sequer, desde que levantara da cama do hotel.” (Capítulo 9, p. 151).

“Walid acomodou-se na cama de cima do beliche à minha esquerda. Adnan, já deitado em seu colchão, fumava, conversando com Ahmed, que iria dormir numa estopa ao lado da de Ammar.” (Capítulo 10, p. 192)

“Mas não queria me olhar no único espelho da cela, um de moldura vermelha, pouco maior do que a palma da minha mão e que estava sempre sobre uma das mochilas de Adnan.” (Capítulo 11, p. 194).

“Usando a água do balde, lavei minhas partes íntimas. Depois, na pia, lavei as mãos, a boca e assoei o nariz. Em seguida, enxaguei o rosto e os antebraços.” (Capítulo 12, p. 221).

Como é próprio do livrorreportagem, a obra apresenta uma contextualização do confronto da Síria. Por todo o texto o autor explica os termos estrangeiros que são frequentemente utilizados, bem como conta a história de como o ditador Bashar al-Assad chegou ao poder e os caminhos que levaram o país até o momento de guerra em que se encontrava. A partir do relato da vida dos personagens, Klester apresenta a situação da Síria, sobretudo Homs, em relação ao país e à sociedade local.

Os relatos de Klester narram a Síria daquele momento e retratam a história que estava sendo construída, o que remete ao pensamento de Caldas (2005) em relação ao fato da construção da memória encontrar na mídia um interlocutor, o que confere ao jornalista a responsabilidade social como historiador do cotidiano.

Assim como Carr (1982) descreve que o historiador não apresenta tudo sobre uma realidade, mas explica o que nela se destaca e, ressalta que na história as conclusões são provisórias porque há probabilidade de serem aprofundadas e revistas posteriormente, Klester apresenta uma realidade do contexto sociopolítico da Síria de 2011 a 2012, que já passou por alterações.

Os seguintes trechos da obra exemplificam tais características citadas acima, bem como seguem o pensamento de Caldas (2005) de que a reconstrução dos fatos jornalísticos se assemelha à construção da história pelo historiador, no momento em que o jornalista e o historiador constroem suas versões dos fatos:

“Ele devolveu meus equipamentos, meu passaporte e desejou-me boa sorte. – *Shukran. Salam Aleikum.* (Obrigado. Que a paz de Alá esteja com você) – eu disse.” (Capítulo 2, p. 43)

“Há registro de conflitos em terras sírias desde 3000 a.C. Durante os últimos cinco milênios, o comando do país já esteve nas mãos dos sumérios, dos faraós egípcios, de bizantinos, romanos, otomanos, de Alexandre, o Grande, dos árabes, dos franceses, entre outros povos.” (Capítulo 4, p. 68).

“A guerra que agora assombrava o país só havia explodido em março de 2011. Mas seu pavio fora aceso 40 anos antes, em fevereiro de 1971, quando o então chefe das Forças Aéreas Síria, o militar Hafes al-Assad, tornou-se presidente...” (Capítulo 4, p. 68).

“O cenário era de total desolação. Prédios com paredes destruídas, casas destelhadas pelas bombas, carros carbonizados. Todos os estabelecimentos comerciais – lojas, restaurantes, bancos – estavam fechados.” (Capítulo 6, p. 106).

“Elas usavam vestidos tradicionais do Islã, negros e de mangas longas, e véu na cabeça.” (Capítulo 8, p. 129).

“E continuou: *Ach-hadu na la iláha il-la Allah* (Testemunho que não há outra divindade além de Deus). (...) Ele estava fazendo o Adhan, o chamado que convida os muçumanos à oração.” (Capítulo 8, p.146).

“Outros jornalistas estrangeiros já haviam morrido na Síria durante a guerra – entre eles, uma americana e dois franceses –, e ninguém tomou atitude alguma.” (Capítulo 12, p. 225).

“Naquele momento, abocanhávamos nossos sanduíches ouvindo a guerra que não parava de açoitar o solo e o povo de Homs. Como sempre acontecia, após as 22 horas a situação se agravava. Clarões riscavam o céu escuro, denunciando o uso de foguetes por algum dos lados do combate.” (Capítulo 12, p. 226).

“...dificilmente eu teria sido libertado. Poderia passar o resto dos meus dias naquele buraco mal-cheiroso, comendo ovo na bacia de plástico e respirando fumaça de cigarro. Ou simplesmente ser assassinado e ter meu corpo jogado numa das valas comuns de Homs.” (Capítulo 13, p. 262).

Além dessas questões, é possível encontrar as marcas jornalísticas da obra enquadrando-as na categorização de Pena (2006) quanto às características primordiais do jornalismo como a apuração rigorosa, a observação, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, que estão presentes na prática do jornalismo literário. Todos os dados que foram levantados pelos personagens citados no livro reportagem foram conferidos depois da libertação de Klester, graças a seus contatos na Embaixada do Brasil em Damasco, nas organizações de Direitos

Humanos e no Exército e Governo Sírios, informação que é citada na Introdução do livro.

Por mais que em alguns momentos Klester escreva informações relevantes, estas vêm acompanhadas do fazer literário, como é possível notar nas passagens descritas anteriormente. De toda obra, são poucos os trechos que se aproximam do texto jornalístico convencional, em relação à objetividade dos fatos, que poderiam figurar nos jornais diários. Seguem abaixo as passagens em que se encontram tais características:

“Apesar de ser um país de predominância muçulmana (63% da população), o Líbano valoriza a tolerância e o respeito às diferenças. Em Beirute, por exemplo, a mesquita Hariri – uma das mais importantes do país – fica a menos de 200 metros de uma igreja católica. E não há atritos.” (Capítulo 2, p. 39).

“Como Ammar, cerca de 100 mil sírios – segundo estimativas de organizações dos Direitos Humanos – haviam sido presos pelas forças de Bashar al-Assad desde o início dos confrontos.” (Capítulo 9, p. 157).

“Homs, a terceira maior cidade da Síria, com 1,7 milhão de habitantes – o equivalente à população de Curitiba – estava deserta, abandonada. Cartazes colados em muros e postes expressavam a dor e o desejo da população local. Em dois deles, lia-se ‘Bashar, *stop killing*’ e ‘*we want freedom*’.” (Capítulo 12, p.239).

Desta forma, todos os aspectos objetivados para a análise do presente estudo, a fim de responder à questão que o norteia, foram contemplados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo, ao longo de sua construção até os dias de atuais, encontrou paralelos e intersecções com a história, da mesma forma que com a literatura. Destrinchar cada um desses dois encontros renderia uma monografia completa, pois são temas amplos e complexos em suas relações.

Por meio da pesquisa bibliográfica, foram encontradas divergências entre história e jornalismo em relação às questões de temporalidade e à forma de condução da cronologia dos fatos. As temáticas se aproximam quando se diz respeito aos fatos e às marcas da subjetividade nas narrativas. E também desde seus primórdios, o jornalismo também conversou com a área literária, tendo inclusive, nesta união, a ascensão de gêneros híbridos, como é o caso do livrorreportagem.

Com o objetivo de mostrar como o livrorreportagem, produto do jornalismo literário – fruto do encontro entre o jornalismo e a literatura –, transforma uma informação factual em história, o presente trabalho analisou o livrorreportagem de Klester Cavalcanti, chamado *Dias de inferno na Síria – o relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra*.

A análise do objeto de pesquisa aponta que, em sua narração, Klester Cavalcanti não se limita apenas a enxergar e descrever os acontecimentos. Ele torna-se personagem da história ao costurar sua vivência pessoal aos relatos e informações levantadas. O jornalista se coloca em posição de sobrevivente de uma situação extremamente arriscada.

Neste livrorreportagem, no relato altamente detalhado de Klester Cavalcanti, fica evidente a preocupação do autor quanto à questão da apuração, bem como o caráter dos dados ali contidos e em relação a reportar fatos verossímeis ao leitor. Porém, o autor romanceia bastante sua narrativa de forma que, não fossem as fotografias que fez e a checagem que afirma ter realizado assim que retornou ao Brasil, seria muito difícil sustentar tais histórias relatadas na obra.

O estudo aqui apresentado chega ao resultado de que Klester Cavalcanti, por meio de sua produção jornalístico literária – o livrorreportagem analisado –, trouxe em sua narrativa um retrato bem descritivo do que encontrou na Síria, e as histórias que o autor captou – inclusive seu próprio relato – precisaram de um detalhamento

maior, que não seria encontrado em jornais diários e que, sem as características presentes no jornalismo literário, não teriam sido realizadas. Isso aponta para a importância de novos trabalhos no campo de jornalismo literário e da relevância das criações nessa área. Como autora deste trabalho, classifico o jornalismo literário como o coração do jornalismo, no sentido de transportar ao leitor, emoção e elementos sensoriais impregnados em suas palavras, como o fez Klester Cavalcanti na obra analisada.

Dito isso, conclui-se que a pergunta norteadora da pesquisa “é possível o livro-reportagem, através do jornalismo literário, transformar uma informação factual em história?”, foi respondida positivamente, pois foi possível notar que o livro-reportagem, por meio da técnica utilizada no jornalismo literário, deu a Klester a oportunidade de transportar informações e relatos desconhecidos pelo Ocidente para tal público, confirmando a hipótese em que ele tornou os fatos encontrados na Síria em relatos históricos.

Ademais, registra-se que o livro é carregado de caráter informativo e interpretativo enquanto produto jornalístico e narrativo-descritivo enquanto produto literário; no âmbito da história, contextualiza o fato historicamente e faz um retrato do período em que a obra foi produzida. Assim conceituo, pois como Ribeiro e Ferreira (2007) apontam, a mídia – sobretudo a jornalística – mostra, entre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância histórica. Portanto, o relato de Klester também pode ser utilizado para contextualizar posteriormente o retrato da guerra civil da Síria de 2012 através do ponto de vista social relatado pelos personagens do livro, incluindo o do autor.

Acrescento que o trabalho realizado ressalta a importância do estudo na área do jornalismo literário visto que são poucos os autores que tratam sobre o tema, tendo sido até mesmo um desafio para a autora do estudo encontrar fontes sobre os temas aqui pesquisados. Bem como o estudo do jornalismo combinado com outros tipos de estudos, como a história, também apresenta uma relevância pelo mesmo motivo. O estudo ainda deixa a possibilidade para que mais pesquisas e análises sejam feitas em torno da tríade jornalismo, história e literatura.

Tendo em vista que o tema “jornalismo literário” não obteve destaque em minha grade curricular, avalio a presente pesquisa como uma excelente oportunidade que tive para conhecer mais profundamente sobre o assunto e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Arnaldo. **Conte algo que não sei**. O Globo, 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/klester-cavalcanti-reporter-escritor-achei-que-estava-morto-relaxei-14430063>> Acesso em: 7 de mar de 2016.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO **New journalism**: a reportagem como criação literária / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. – Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf> Acesso em: 10 de mai de 2016.

CALDAS, Graça. **Mídia e memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano**. In: BEZZON, L. C. (Org.). Comunicação, política e sociedade. Campinas, SP: Alínea, 2005.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?**; tradução de Lúcia Maurício de Alvarenga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed., 1982.

CASADEI, Eliza Bachega. **Descrever o passado para prever o futuro**: sobre os usos da história no jornalismo para o delineamento de prognósticos. Revista Mosaico, 2014. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/descrever-o-passado-para-prever-o-futuro-sobre-os-usos-da-hist%C3%B3ria-no-jornalismo-para-o-delin>> Acesso em: 26 de mar de 2016.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. – (Coleção ensaios transversais)

CAVALCANTI, Klester. **Dias de inferno na Síria**: o relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra. São Paulo: Benvirá, 2014.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 2 de mar de 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edição do Autor – Sistema Clube dos Autores, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

MENESES, Sônia. **A história midiaticizada: os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a história**. In: X Encontro Nacional de História Oral, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268705934_ARQUIVO_ahistoriamidiaticizada.pdf> Acesso em: 24 de mar de 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MARQUES, Fabrício. **Jornalismo e Literatura: modos de dizer**. Caxias do Sul: Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, v.8, n.16, 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/124/115>> Acesso em: 10 de abr de 2016.

NICOLATO, Roberto. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>>. Acesso em: 22 de fev de 2016.

PALÁCIOS, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes, 2010. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/173/290> Acesso em: 2 de mar de 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRÊMIO JABUTI. 2015. Disponível em: <<http://premiojabuti.com.br/edicoes-anteriores/premio-2013/>> Acesso em: 20 de abr de 2016.

RANGEL, Juliana Bomtempo; RIBEIRO, Ariane Regina. **A influência do movimento do Novo Jornalismo no jornalismo convencional do Brasil a partir da década de 60, com ênfase na produção de livros reportagens.** Intercom Sudeste, 2006. Disponível em: <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4704996612331151952241568737112082912.pdf>> Acesso em 1 de mai de 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mídia e História: ambigüidades e paradoxos.** In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mídia e lugar da história.** In: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.). Mídia, Memória & Celebidades. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2003.

RODRIGUES, Jacira Werle. **Reportagem impressa, estilo e manuais de redação: a construção da autoria nos textos do jornalismo diário.** Santa Maria: FACOS/UFSM, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.